

GLOBALIZAÇÃO E CAPITALISMO: MUDANÇAS NO TOCANTE ÀS MIGRAÇÕES

Érica de Azevedo Corrêa¹
Eloy Pereira Lemos Júnior²

RESUMO: A presente pesquisa pretende realizar reflexões acerca do papel das migrações dentro da perspectiva do capitalismo no mundo globalizado. Inicialmente foi realizada uma análise introdutória sobre o fenômeno da globalização, destacando os pontos de maior relevância. Em seguida o capitalismo foi abordado, a fim de ressaltar a sua perspectiva dentro de um mundo interligado. Por fim, tratou-se das migrações, estabelecendo as suas conexões com os conceitos já abordados. O trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas, utilizando-se do método hipotético-dedutivo, empregando a crença na necessidade de se compreender o ontem como forma de vislumbrar a melhoria do hoje e do amanhã, como lastro verídico que desencadeou todo o estudo.

Palavras-Chave: Economia. Direito. Humanidade. Internacionalização.

ABSTRACT: This research aims to reflect on the role of migration from the perspective of capitalism in a globalized world. Initially, an introductory analysis was made of the phenomenon of globalization, highlighting the most important points. Capitalism was then discussed in order to highlight its new perspective within an interconnected world. Finally, migration was addressed, establishing its connections with the concepts already covered. The work was carried out through bibliographical research, using the hypothetical-deductive method, employing the belief in the need to understand yesterday so that there can be an improvement in today and tomorrow as the true ballast that triggered the entire article.

1529

Keywords: Economy. Law. Humanity. Internationalization.

INTRODUÇÃO

As migrações fazem parte da história da humanidade, estando presentes desde o surgimento do mundo. Os deslocamentos, apesar de representarem uma constante, tiveram variações em seus motivos determinantes: se em um passado longínquo a mobilização ocorria pela procura de terras mais férteis, na atualidade os indivíduos buscam em outras nações estabilidade política, econômica e social.

Dessa forma, os deslocamentos não podem ser encarados como fenômenos isolados, já que possuem entrelaçamento com outros âmbitos de estudo, como a globalização e o

¹Graduada em Engenharia Química pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestranda em Ciências Jurídicas pela Veni Christian University.

²Orientador do Mestrado em Ciências Jurídicas pela Veni Christian University.

capitalismo. A globalização pressupõe, em suma, a integração mundial e o encurtamento de fronteiras, e foi capaz de alterar com profundidade a relação entre os Estados.

O acesso mais rápido à informação, os meios de transporte mais eficientes, a tecnologia da indústria, a ampliação da circulação de produtos e as transações financeiras são características que repercutem diretamente na esfera das migrações, das condições trabalhistas e da segregação econômica.

As movimentações econômicas e as condições laborais têm influência direta nos deslocamentos, uma vez que, pelo cenário é possível visualizar tanto o motivo, quanto o impacto individual ou coletivo do fenômeno. O capitalismo é pautado acumulação de lucro e a contínua busca por novos mercados, recursos e tecnologias. A desigualdade social, a extrema pobreza e a ascensão financeira de determinados entes andam lado a lado, em uma dinâmica muito próxima, mas desigual, que entre divergências e similaridades envolve um elo indissociável com a exploração da mão de obra.

Nessa conjuntura, a cena da migração é alterada, ascendendo como uma forma de galgar em outras nações a segurança institucional e financeira que muitas vezes não é encontrada nos países originários. Assim, o deslocamento na atualidade promove o preenchimento de lacunas ligadas ao trabalho em países centrais, mas, contraditoriamente, é alvo de medidas restritivas pelos governos e população.

1530

A presente pesquisa foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas e utilizando-se do método hipotético-dedutivo, lastreando todo o caminhar na premissa de que o entendimento do passado e da amplitude da questão resulta na possibilidade de visualização e construção de um presente e futuro mais consciente.

Com isso, o trabalho foi estruturado com lastro na conceituação da globalização, destacando suas principais características e relação com os demais temas levantados. Em seguida, o capitalismo foi tratado, evidenciando a sua natureza interdisciplinar e o seu vínculo estreito com os outros assuntos colaterais. Finalmente, foram discutidas as transformações e os aspectos pertinentes acerca do contexto migratório, com intuito de suscitar uma reflexão crítica sobre o tema.

1. DA GLOBALIZAÇÃO

Segundo Brzozowski (2012, p. 137), os movimentos migratórios podem ser encontrados ao longo de toda a linha do tempo da história. Os registros englobam documentos, incluindo

a Bíblia, e denotam a constante busca dos indivíduos pela exploração de outros locais.

Reis (2004, p. 149), reflete sobre as inúmeras pautas ligadas às condições dos imigrantes, a partir do ocorrido com o navio cargueiro Tampa. Nesse contexto, foram resgatadas mais de 400 pessoas à devida, originárias do Afeganistão, Sri Lanka e Paquistão, com destino à Austrália, país que, por sua vez, se recusou a recebê-las. Durante uma semana a embarcação se manteve no mar, aguardando o fim das negociações políticas.

A partir do caso, a pesquisadora levanta questões relevantes, associando o fenômeno migratório e os seus impactos com a globalização. O encurtamento das fronteiras possibilitado pelos meios de transporte e a disseminação de informação promovida pela tecnologia são alguns dos pontos levados em consideração.

De acordo com Brzozowski (2012, p. 137) as circunstâncias que cercavam as migrações foram profundamente alteradas no século XIX, quando um grande número de europeus saiu em direção às Américas. Continuamente, as migrações se fortaleceram com o passar dos tempos, assumindo diferentes moldes. As guerras mundiais e a guerra fria são marcos deste panorama. A repercussão econômica, relacionada aos grandes conflitos e novos padrões mundiais também influíram na mudança. O autor destaca que as posições de alguns países foram invertidas, e exemplifica o ocorrido com a Europa Ocidental, que após um século sendo conhecida como a principal exportadora de mão de obra, se fincou como uma região majoritariamente receptora de imigrantes.

1531

Sobre a globalização, Bauman (1999, p. 07) retrata a existência de um impulso quase coercitivo ligado ao rompimento de uma “existência localizada”. A segregação espacial cresce na mesma proporção da ampliação da globalização, podendo ser encarada como um dos seus efeitos. Se por um lado a expansão de conhecimentos, tecnologias e informações traz consigo a ideia de modernização e rompimento com o passado, por outro traça um largo caminho para uma progressiva exclusão dos elementos locais.

A mobilidade galga ao mais alto nível dentre os valores cobiçados — e a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos. Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. Bauman (1999, p. 07).

Fonseca (2016, p. 302) realiza um paralelo entre o posicionamento de José Saramago em suas obras, girando em torno de dois núcleos principais: a globalização e a era da informação. A pesquisa trouxe à tona alguns dos livros mais famosos do autor, que entendidos em suas

perspectivas temporais ajudam na interpretação da realidade atual.

O *Ensaio Sobre Cegueira*, faz uso de uma condição física e material para revelar a ausência da visão dos sujeitos que são incapazes de conceber um horizonte claro, crítico, ético e humano. A vida na cegueira transcende uma mera questão fisiológica e adentra na profundidade de uma sociedade voltada ao individualismo, à satisfação própria e à inaptidão de alcançar a verdade.

Em *A Caverna*, Saramago trata do medo, da insegurança promovida pela incerteza do amanhã. De acordo com Fonseca (2016, p. 312) o impacto gerado pela formação das cadeias produtivas globais e o mercado do consumo originou um novo modelo de totalitarismo, onde “o mais descartável que existe na atualidade é o ser humano”. Já em *O Homem Duplicado*, o escritor aborda o desaparecimento da identidade, da autonomia e das suas particularidades, que são absorvidas por uma sociedade que se afasta da sua cultura e adere a um padrão global.

Voltada à análise conceitual, Mancebo (2000, p. 58) estuda a origem do termo “global” e demonstra a intencionalidade de representar, ainda que de forma contraditória, uma ideia de homogeneidade e integração. Como dito, o conceito difere da aplicação prática, que se pauta em um antagonismo cada vez mais acentuado, visto que a conjuntura real é embebida em divergências, resistências e desigualdades que, não raramente, resultam em conflitos e tensões. A globalização, encarada como fenômeno que entrelaça a economia, as culturas e as pessoas, por meio da tecnologia, comunicação e abertura financeira, ao passo que pode ter como consequência a colaboração entre as pessoas e nações, o desenvolvimento e ampliação da liberdade individual, por outro pode vir a culminar no reforço das desigualdades regionais, na precarização trabalhista e no enfraquecimento de culturas, sob o pretexto da “homogeneização”. A liberdade e autonomia, conforme mencionado, ainda são tidas como frutos do processo de globalização. Bauman (1999, p. 69) chama a atenção para uma contradição nítida ligada ao movimento migratório, uma vez que é negada aos sujeitos a mesma liberdade de movimento e a prosperidade crescente tão elogiada e defendida como objeto principal do fenômeno.

O desejo dos famintos de ir para onde a comida é abundante é o que naturalmente se esperaria de seres humanos racionais; deixar que ajam de acordo com esse desejo é também o que parece correto e moral à consciência. É por sua inegável racionalidade e correção ética que o mundo racional e eticamente consciente se sente tão desanimado ante a perspectiva da migração em massa dos pobres e famintos. Bauman (1999, p. 69)

Nessa toada, Chesnais (1995, p. 03) ressalta a posição da globalização no século XXI, onde se constituiu como a expressão máxima da modernidade, relacionada à libertação das forças do mercado, finalmente desprendidas das correntes estatais que controlaram a

iniciativa privada durante muitos anos.

Outro ponto levado com otimismo foi o aumento da concorrência e os seus supostos reflexos positivos para o consumidor, que teria a possibilidade de adquirir artigos com preços mais baixos, “graças à abertura das fronteiras, ao desmantelamento das regulamentações públicas e à atuação das empresas numa concorrência total”, mesmo diante de circunstâncias exponencialmente desproporcionais. Contudo, o autor reforça que a globalização não resultou no avanço e abrangência das trocas, mas pela “mundialização das operações do capital”.

O modelo de Estado neoliberal, com a intervenção mínima na economia e ânimo para resguardar os interesses mercadológicos acima dos demais, encara a imigração na estrita medida em que abastece as demandas e necessidades da globalização. Novamente um contraste é encontrado, de modo que Souza *et al* (2016, p. 03) evidencia a curiosa relação antagônica, onde, por um lado os imigrantes são indesejáveis e por outro exercem uma contribuição importante no cenário produtivo de muitas nações.

A globalização é tida por Antunes (2001, p. 36) como a fonte de uma “lógica destrutiva” que suprimiu diversas regiões da cena industrial. A concorrência que outrora foi levantada como um fator conveniente, é considerada pelo autor como causa da fragilidade de inúmeras nações, que carecem de solidez no mercado interno e são totalmente dependentes de outras.

Além do desenvolvimento econômico, o alargamento dos meios de comunicação e encurtamento de distâncias, a globalização possui outras faces que podem não ser vistas com tanta esperança. O estímulo à concorrência e à liberdade quase absoluta do mercado culminam na priorização da redução de custos em detrimento da segurança e dignidade dos trabalhadores. Sendo assim, a precarização do trabalho comporta uma tendência crescente, que percorre um caminho oposto ao da justiça social.

2. DO CAPITALISMO

Segundo Souza (2016, p. 41), as migrações, dentro da perspectiva do mundo globalizado encontram sua mola no capitalismo. O “apetite aguçado” pelo lucro tem caráter expansivo e finca uma base sólida em todas as nações. A exploração do trabalho, abordada no passado como a principal fonte de rendimento, divide seu protagonismo com a circulação de dinheiro na conjuntura do capitalismo monopolista financeiro.

A mundialização da economia possibilita que as companhias fortes produzam e circulem

os produtos em diferentes locais, adentrando em outras esferas e conseguindo diminuir os respectivos custos por meio da precarização da mão de obra. A autora explana que a economia de mercado promove a manutenção de um “comércio de proporção global”, com a ampliação da comercialização de produtos e a facilidade na transferência de valores em tempo real.

Souza (2016, p. 42), destaca que a mundialização da economia resulta “em um duplo movimento de polarização”, que em primeiro momento envolve a situação interna de cada país e em segundo lugar abrange o contexto internacional ligado ao contínuo distanciamento dos países ricos e pobres. A integração do sistema mundial, portanto, se resume apenas à unificação dos produtos, tecnologias e serviços financeiros, deixando de lado os direitos trabalhistas, a sustentabilidade e as garantias sociais.

Urquiza *et al* (2018, p. 223) denota o caráter monocultural da globalização, que tem o condão de propiciar a segregação de povos de forma massificada. Com isso, um forte paradoxo emerge, colocando lado a lado duas ideias opostas “em relação ao discurso veiculado e as práticas observáveis”. Novamente a competitividade e individualismo aparecem como faces de uma mesma moeda que alarga “o fosso entre ricos e pobres, com o aumento do fenômeno da concentração de renda”.

Filgueiras (1997, p. 897), reflete sobre a articulação entre o capitalismo e a tríade do neoliberalismo, reestruturação produtiva e globalização. Subjetivamente, tais fenômenos desembocaram no fim de algumas utopias associadas à sociedade do trabalho, ao emprego, à crise dos paradigmas nas ciências sociais e às classes sociais.

1534

Como já dito, em que se pese o otimismo e a esperança que cercaram, e ainda cercam, a globalização, inclusive os seus impactos no modelo produtivo, no plano fático a exclusão social é preponderante. Nesse cenário, a estabilidade presente nos países centrais deu lugar à insegurança social, financeira e laboral.

Ribeiro (2015, p. 65), ressalta que o capitalismo tem como base a acumulação de lucro de modo formalmente pacífico. A criação do excedente, portanto, se lastreia na exploração da mão de obra do trabalhador, que passa a ser encarado como um acessório. A eficiência da cadeia de produção é o alicerce necessário para os fins almejados e, para tanto, é fundamental implementar meios de controle sobre a força de trabalho.

Assim, a autora menciona alguns modelos de controle produtivo. Inicialmente relembra o taylorismo, criado no século XIX, por Frederick Winslow Taylor, onde este sugeriu um gerenciamento que pudesse criar padrões de execução do trabalho, visando alcançar uma

a “melhor equação possível entre tempo e movimento”. Para Ford, a instalação de esteira elétricas no chão, mantendo os trabalhadores em uma posição estática, foi a medida adotada para intensificar e mecanizar os resultados.

O que acontece é que o condicionamento do corpo e da vida no mundo do trabalho mediado por uma racionalidade irracional extrapola, enquanto hábito, para o mundo cotidiano da vida e, então, as pessoas se veem em um mundo onde a velocidade é praticamente um valor. Isso condiciona a relação da humanidade com o trabalho, mas também com a família, com os amigos, com o amor e na mesma proporção que o disciplinamento do corpo e da alma se torna mais severo mais se constrói uma sociedade doentia, cheia de síndromes do pânico, da bipolaridade, do stress, da hiperatividade, da depressão e assim por diante. Ribeiro (2015, p. 78).

É possível compreender que o capitalismo e a globalização se entrelaçam numa relação de dependência e crescimento diretamente proporcionais. O sistema econômico, fundamentado na acumulação encontra solo fértil na internacionalização do mercado, na conexão entre nações, no agravamento das desigualdades e na intensificação da exploração.

Frequentemente, nas localidades marginalizadas os fluxos migratórios são aumentados por circunstâncias econômicas, políticas ou sociais, na maioria das vezes unidas ao sentimento de insegurança e incerteza. O capitalismo, nessa toada, além de ditar os modos de produção e consumo, é um dos responsáveis pelos impactos na mobilidade urbana.

3 – DA MIGRAÇÃO

1535

Reis (2004, p. 150) enfatiza que a resposta mais adequada às adversidades envolvendo as migrações se assenta no fato de que os Estados são entidades soberanas que possuem o “monopólio legítimo da mobilidade”, tendo ampla discricionariedade para decidir sobre a entrada de indivíduos de outras nacionalidades. No plano do direito internacional, as nações convivem como organismos autônomos e independentes, e os tratados e convenções são formas de estipular alguns parâmetros a serem seguidos.

De acordo com Brito (2013, p. 79), os direitos fundamentais são aqueles incorporados à própria natureza e condição humana. No caso das migrações, a soberania estatal parece preponderar sobre a defesa das garantias vitais. O controle das fronteiras, a proteção individual, as políticas de recepção e os impactos socioeconômicos são elementos considerados pelos países destinatários.

Os imigrantes internacionais, hoje, não são semelhantes às minorias ou aos apátridas, pois, em geral, mantêm a cidadania nos seus países de origem. Contudo, ao se deslocar para um país de destino, o migrante não leva consigo seus direitos garantidos no país onde nasceu. No mundo posterior à Segunda Grande Guerra ainda permanece a contradição entre a soberania nacional e os direitos humanos. Essa é a dimensão

política fundamental das migrações internacionais e a razão básica da sua extrema politização nos dias atuais. Brito (2013, p. 79).

Em meados do século XIX a relevância dos deslocamentos alcançou notoriedade. Os fluxos assumiam papéis inversos. A reestruturação e internacionalização do capitalismo facilitaram o crescimento econômico, que ampliou o conhecimento tecnológico. Segundo o autor, ao passo que a população migrava para as Américas e Austrália, o poder do capital adentrava no continente africano, asiático e na América Latina.

Posteriormente, os padrões migratórios assumiram outros moldes, trocando as direções e movendo uma massa populacional crescente com destino à Europa. O período seguinte ao das guerras mundiais, motivou uma intensa mobilização com o objetivo de trabalho. As mudanças nas dinâmicas ecoaram também no implemento de instrumentos regulamentadores a nível internacional, como é o caso da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Chueiri *et al* (2010, p. 159) ressalta que a civilização foi construída a partir dos deslocamentos, seja em busca de novos territórios, melhores condições de plantio ou maior quantidade de recursos. A construção da identidade nacional, a mistura cultural e a expansão dos conhecimentos foram algumas das nítidas consequências ligadas à mobilização.

Os séculos XX e XXI promoveram fortes movimentações, ocasionadas por instabilidades políticas provenientes de governos ditatoriais e “por um sistema de produção cada vez mais excludente”. A migração conectada ao trabalho é intrinsecamente associada à crise econômica, que, em muitas vezes, se conecta à exclusão promovida pelo fenômeno da globalização.

1536

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização, a migração e o capitalismo estão fortemente conectados, originando um sistema complexo que define as dinâmicas sociais, econômicas e culturais do mundo contemporâneo. A globalização, enquanto medida de integração mundial, solidifica as interações entre nações, possibilitando uma maior circulação de bens, serviços, capitais e pessoas em uma escala nunca vista.

Tal movimentação, por sua vez, possui ligação íntima com o sistema capitalista, que se lastreia na constante expansão a fim de dominar novos mercados e recursos. No entanto, essas mudanças não possuem aptidão para correr uniformemente, promovendo grandes limbos de desigualdades entre regiões e povos.

No contexto das migrações, a globalização e o capitalismo desempenham papéis centrais. A procura por oportunidades econômicas e condições de vida mais positivas leva uma enorme quantidade de pessoas a se deslocarem, muitas vezes em resposta às desigualdades criadas ou intensificadas pelo próprio modo produtivo.

A globalização, ao facilitar a interação entre nações, abre possibilidades para a mobilidade humana, mas também expõe os indivíduos a obstáculos como o preconceito, a exploração trabalhista e segregação social. Além disso, a migração possui uma dupla função, tanto como uma consequência quanto como uma ferramenta de manutenção do capitalismo global, preenchendo a demanda por mão de obra em países desenvolvidos e alongando as diferenças econômicas.

O impacto, no entanto, não se resume meramente à economia. A migração igualmente promove modificações culturais e sociais profundas, ao mesmo tempo em que desafia políticas e fronteiras. Os fluxos transparecem conflitos entre os princípios de liberdade individual e mercadológica, levantados pelo próprio capitalismo e as barreiras impostas pelos países para a regulação de entrada de pessoas. Essa contradição é o resultado das diferenças estruturais que circundam o sistema, tornando clara a necessidade de soluções que reafirmem a justiça social e os direitos fundamentais.

1537

A compreensão dos pontos situados entre globalização, migração e capitalismo é imprescindível para o enfrentamento dos desafios no mundo contemporâneo. Mesmo com tantos avanços significativos na área da tecnologia e comércio, continuam existindo disparidades profundas que exigem uma análise cuidadosa e crítica. Encarar os sistemas econômicos e as políticas sob a ótica da sustentabilidade e da retidão é fundamental para erguer um futuro mais equilibrado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (alienação). *Caderno Crh*, v. 15, n. 37, 2002.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho, v. 2, p. 35-48, 2001.

BALANCO, Paulo; PINTO, Eduardo Costa; MILANI, Ana Maria. Crise e globalização no capitalismo contemporâneo: alguns aspectos do debate em torno dos conceitos de Estado-nação, Império e Imperialismo. *Anais IX Encontro Nacional de Economia Política*, 2004.

BARALDI, Camila Bibiana Freitas. Migrações internacionais, direitos humanos e cidadania

sul-americana: o prisma do Brasil e da integração sul-americana. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BAUMAN, Zygmunt. globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRITO, Fausto. A politização das migrações internacionais: direitos humanos e soberania nacional. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 30, p. 77-97, 2013.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos avançados*, v. 26, p. 137-156, 2012.

CHESNAIS, François. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. *Economia e sociedade*, v. 4, n. 2, p. 1-30, 1995.

CHUEIRI, Vera Karam; CÂMARA, Heloisa Fernandes. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saudade e hospitalidade. *Revista Direito, Estado e Sociedade*, n. 36, 2010.

COSTA, Edmilson. A globalização e os clássicos do imperialismo. UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < [http://www.unicamp.](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao5/Edmilson_Costa.pdf)

[br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao5/Edmilson_Costa.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao5/Edmilson_Costa.pdf), 2012.

DE FREITAS RIBEIRO, Andressa. Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Lutas sociais*, v. 19, n. 35, p. 65-79, 2015.

DE LIMA PEREIRA, Gustavo. Direitos humanos e migrações forçadas: introdução ao direito migratório e ao direito dos refugiados no Brasil e no mundo. Editora da PUCRS, 2022.

1538

DOS SANTOS, Lucineia Rosa; DUARTE, Juliana FA. GLOBALIZAÇÃO E CAPITALISMO

HUMANISTA. *Revista de Direito Internacional e Globalização Econômica*, v. 1, n. 1-Ext, p. 273-290, 2019.

FERREIRA, Oséias Soares; VICENTE, Zuleica Cristina Mizael. Capitalismo Financeiro, Globalização e Transformações no Mundo do Trabalho. *Pensar Acadêmico*, v. 14, n. 2, p. 137-142, 2016.

FILGUEIRAS, Luiz AM. Reestruturação produtiva, globalização e neoliberalismo: capitalismo e exclusão social neste final de século. *Anais do V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho*, p. 10-12, 1997.

HIRATA, Helena. Globalização, trabalho e gênero. *Revista de Políticas Públicas*, v. 9, n. 1, p. 111-128, 2005.

MANCEBO, Deise. Globalização e efeitos de subjetivação. *Logos*, v. 7, n. 1, p. 57-62, 2000.

MARTINS, Carlos Eduardo da Rosa. Globalização e capitalismo: considerações teórico-metodológicas sobre os novos padrões da acumulação de capital e suas implicações para a análise das políticas científicas e tecnológicas. 1998. Tese de Doutorado.

REIS, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 19, p. 149-163, 2004.

SÁ, Maria Irene da Fonseca. José Saramago: Um olhar sobre a globalização e a sociedade da informação. *JISTEM-Journal of Information Systems and Technology Management*, v. 13, p. 301-322, 2016.

SICILIANO, André Luiz. O papel da universalização dos Direitos Humanos e da migração na formação da nova governança global. *Revista internacional de direitos humanos-SUR*, 2012.

SOUZA, Marluce et al. Mundialização do capital e mobilidade humana: cenários, atores e políticas. *Argumentum*, v. 8, n. 3, p. 40-53, 2016.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. Capitalismo e urbanização [em linha]. 1988.

TAUILE, José Ricardo; FARIA, Luiz Augusto E. Mudança em Tempos de Globalização: o capitalismo não é mais progressista?. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 25, p. 233-253, 2005.

URQUIZA, Antonio Hilario Aguilera; RIBEIRO, Leonardo Cavallini. Direitos humanos e migração: Os paradoxos da globalização. *Revista Argumenta*, n. 28, p. 217-405, 2018.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi; SENGER, Ilise. As migrações no mundo contemporâneo e o paradoxal papel dos direitos humanos: proteção ou abandono?. 2017.